Revista EaD &
tecnologias digitais na educação

Ensino da Variação Linguística: análise de livro didático de Língua Portuguesa do 6º ano do Ensino Fundamental

Vanusa Oliveira de Jesus (UFRB)
https://orcid.org/0009-0003-8201-9628
vanusaoliveira@aluno.ufrb.edu.br

Ednei Nunes de Oliveira
https://orcid.org/0000-0001-8464-4687
edneioliveira@ufrb.edu.br

Resumo: Este artigo tem como objetivo descrever e refletir como a variação linguística é tratada em um livro didático de Língua Portuguesa voltado ao 6º ano do Ensino Fundamental II. A pesquisa foi conduzida com base em uma metodologia descritiva, conforme proposta por Gil (2002), que privilegia a descrição de fenômenos sociais e a identificação de relações entre variáveis. Os resultados corroboraram nossas hipóteses, indicando que, embora os livros didáticos abordem a variação linguística, a metodologia adotada pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) ainda não dá o devido destaque às variedades regionais do Nordeste, em comparação às do Sudeste. Assim, apesar de contemplar temas relevantes, como a pluralidade linguística, o preconceito linguístico, as variedades urbanas de prestígio e outras manifestações linguísticas, conclui-se que é necessário aprofundar as discussões sobre as variedades regionais do Nordeste, incentivando reflexões sobre a riqueza e a diversidade da linguagem nessa região.

Palavras-chave: Variação Linguística. Livro Didático. Ensino de Língua Portuguesa.

Abstract: This article aims to describe and reflect on how linguistic variation is treated in a Portuguese Language textbook aimed at the 6th year of Elementary School II. The research was carried out based on a descriptive methodology, as proposed by Gil (2002), which emphasizes the description of social characteristics and the identification of relationships between variables. The results corroborated our hypotheses, establishing that, although textbooks address linguistic variation, the methodology imposed by the National Book and Teaching Material Program (PNLD) still does not give due emphasis to regional varieties in the Northeast, compared to the Southeast. Thus, despite covering relevant themes, such as linguistic plurality, linguistic prejudice, prestigious urban varieties and other linguistic manifestations, it is concluded that it is

necessary to deepen the discussion on the regional varieties of the Northeast, encouraging reflections on the richness and language diversity in this region.

Keywords: Linguistic Variation. Textbook. Teaching Portuguese Language.

1 INTRODUÇÃO

A língua está em constante transformação; é viva e refletida no uso dos falantes. As variedades dialetais, por sua vez, representam a cultura e o contexto social dos indivíduos. Segundo Barthes, "[...] é a parte social da linguagem [...] Trata-se essencialmente de um contrato coletivo ao qual temos de submeter-nos em blocos se quisermos nos comunicar" (BARTHES apud TERRA, 1997, p.17), enfatizando que a língua é um sistema coletivo de interação social.

A variação dialetal é um fenômeno linguístico que se manifesta de acordo com os diferentes grupos sociais e seus respectivos contextos. Ela ocorre devido a uma série de fatores, como o grupo social ao qual os indivíduos se sentem pertencentes, a região geográfica onde vivem, a classe econômica a que pertencem, o sexo, a faixa etária, o nível de escolaridade e até mesmo o papel social que desempenham. Esses fatores influenciam diretamente a forma como a língua é utilizada, originando diferentes variantes dentro de um mesmo idioma.

As variedades geográficas, regionais ou territoriais, por sua vez, manifestam-se em função da vivência de comunidades linguísticas situadas em áreas específicas dentro de um país. Os falantes de uma região formam uma comunidade linguística que, mesmo pertencendo a um contexto mais amplo, apresenta características linguísticas próprias. Essa homogeneidade linguística resulta do desenvolvimento de um comportamento cultural exclusivo, que diferencia essa comunidade das demais e molda a maneira como os indivíduos se expressam e interagem linguisticamente.

Ao chegar à escola, cada estudante traz consigo um domínio da língua em seu dialeto próprio, e é fundamental respeitar essa particularidade. Linguistas distinguem entre língua, linguagem e fala, como destaca Ernani Terra: "[...] é todo sistema de sinais convencionais que nos permite realizar atos de comunicação" (TERRA, 1997, p.12). Já a fala é o uso individual e particular da língua, sendo o meio predominante das interações, mantendo a língua viva. Terra (1997) observa que "línguas não faladas são consideradas línguas mortas" (p.17).

Para uma sociedade democrática, é essencial valorizar as diferenças culturais e étnicas. No contexto brasileiro, a sociolinguística educacional atua para auxiliar e desenvolver a competência linguística de crianças, especialmente as que não possuem contato com a norma padrão em seus contextos familiares. Bagno (1999) defende que a variação linguística deve ser central no ensino da língua, promovendo a cidadania e respeitando as diferentes formas de expressão cultural.

A variação linguística se manifesta em diversas formas — diacrônica, diastrática, diamésica e diatópica — e em diferentes níveis, como o fonético-fonológico. Neste trabalho, estudamos o programa de distribuição de livros didáticos (LDs) na educação básica, tendo o LD como uma ferramenta essencial para o ensino. Segundo Silva (2012), o LD era um recurso restrito à elite na era imperial, dado o custo de importação dos exemplares europeus. A produção nacional de LDs só se consolidou em 1827, com José da Silva Lisboa, e, em 1930, durante o governo Vargas, ganhou mais força.

Este estudo objetiva descrever e refletir sobre como a variação linguística é abordada nos livros didáticos do ensino fundamental, observando se os Programas Nacionais de Livros Didáticos (PNLD) incluem as diversidades linguísticas presentes na sociedade. Os objetivos específicos incluem: identificar as variáveis linguísticas abordadas, entender a apresentação das variações regionais e discutir os conteúdos linguísticos no contexto educacional.

Para alcançar esses objetivos, aplicamos uma metodologia descritiva baseada em Gil (2002), que descreve as características de uma população ou fenômeno e estabelece relações entre variáveis. Também utilizamos uma abordagem qualitativa, que, segundo Dalfovo, Lana e Silveira (2008), permite a interpretação indutiva da realidade. A pesquisa bibliográfica, conforme Marconi e Lakatos (2003), fundamenta-se em publicações já existentes, abrangendo livros, artigos e outros materiais.

Este estudo analisa o livro "Se liga na língua", de Ormundo e Siniscalchi (2018), observando como a variação linguística é tratada para alunos da 6ª série do ensino fundamental. As hipóteses da pesquisa sugerem que a falta de enfoque na variação linguística pode fomentar preconceitos, e a valorização exclusiva da norma padrão pode gerar discriminação.

A relevância desta pesquisa está em entender como o material didático influencia os estudantes em relação à variação linguística, assegurando que a Base Nacional Comum Curricular contemple a diversidade cultural e identitária dos alunos. Observa-se uma carência de estudos sobre léxico e variação linguística nos materiais didáticos, o que ressalta a importância de aprimorar as abordagens para que o léxico e a diversidade sejam integralmente considerados no ensino da língua portuguesa.

O presente estudo está estruturado em cinco seções. Na Seção 1, apresenta-se uma breve introdução que aborda a variação linguística e suas transformações ao longo do tempo, como também objetivos, metodologia e justificativa. Na Seção 2, discute-se a relação entre Linguística, Sociolinguística e Educação, introduzindo estudos sobre a sociolinguística educacional e as mudanças linguísticas ao longo do tempo. Na Seção 3, trata o ensino-aprendizagem, abordando o ensino de língua, a variação linguística e o preconceito linguístico, destacando a contribuição da sociolinguística para um ensino mais equitativo e respeitoso. Na Seção 4, realiza-se a análise do livro didático selecionado. Por fim, a Seção 5 apresenta as considerações finais derivadas das análises, além da conclusão geral do estudo.

2 LINGUÍSTICA, SOCIOLINGUÍSTICA E EDUCAÇÃO

A sociolinguística, em contraste com as ideias de Saussure (2006) e Chomsky (1965, 1997) sobre a homogeneidade da língua, considera a língua um fenômeno comunitário, como proposto por Labov (2008). Este campo, também chamado de Teoria da Variação, estuda como variações linguísticas refletem a organização e a evolução da língua em contextos sociais específicos, abrangendo áreas como Fonologia, Sintaxe, Morfologia e Semântica (Labov, 2008). Esse autor divide as variáveis linguísticas em "dependentes", associadas a regras gramaticais, e "independentes", relacionadas a fatores estruturais e socioculturais.

A pesquisa sociolinguística avalia o impacto desses fatores nos fenômenos variáveis da língua. Esta seção aborda a relação entre Linguística, Sociolinguística e Educação, destacando estudos sobre sociolinguística educacional e mudanças linguísticas.

2.1 LINGUÍSTICA

Ferdinand Saussure é considerado o pai da linguística, com suas contribuições fundamentais para o estudo linguístico. Em seu *Curso de Linguística Geral* (1916), fundado na Universidade de Genebra, ele estabeleceu a linguística como uma ciência autônoma. Essa abordagem promove uma análise linguística contemporânea e desvinculada de influências históricas e genealógicas. Saussure propôs um objeto exclusivo para a linguística, partindo do princípio de que "é o ponto de vista que cria o objeto" (CLG, 2012, p. 39), o que significa que a percepção individual de uma entidade sonora pode variar entre as pessoas. Ele ressalta, ainda, que a linguagem tem um aspecto dual — individual e social — que não pode ser tratado isoladamente (CLG, 2012).

Além disso, Saussure diferenciou sincronia e diacronia, sugerindo que os signos linguísticos se relacionam em etapas distintas, como o "sintagmático", em que os signos formam uma linearidade através de suas relações.

Émile Benveniste, outro influente teórico, desenvolveu a teoria da enunciação, abordando como a linguagem reflete a subjetividade humana. Suas obras *Problemas de Linguística Geral I e II* (PLG I e PLG II) incluem textos essenciais para a compreensão da relação entre língua e linguagem, como *Prefácio*, *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística* e *O aparelho formal da enunciação*. Benveniste enfatiza que a linguística abrange dois objetos distintos, mas interrelacionados: a ciência da língua e a ciência da linguagem. Ele afirma que "a linguagem, que é uma capacidade humana universal e invariável, não deve ser confundida com as línguas, que são sempre particulares e mutáveis na sua realização" (PLG I, 1991, p. 20).

Seguindo a linha de Saussure, Benveniste aplicou seus princípios em análises concretas, enriquecendo a descrição comparatista da significação (Normand, 2006, p. 14). Estudar Saussure é essencial para entender Benveniste, pois sua base teórica ajuda a explorar as concepções de língua, linguagem e fala, refletindo-se na análise do discurso e da enunciação.

2.2 SOCIOLINGUÍSTICA

A sociolinguística é uma ciência que estuda a linguagem em situações de interação verbal, abordando as relações entre aspectos linguísticos e sociais. Segundo Mollica e Braga, (2003, p. 09), ela é "um dos subcampos da linguística preocupados com o estudo da língua falada em comunidades de fala". A disciplina surgiu na segunda metade do século XX, com três premissas básicas: relativismo cultural, heterogeneidade linguística inerente e uma relação dialética entre forma e função linguísticas. A primeira, derivada do estruturalismo, rejeita a ideia de línguas e culturas primitivas, reconhecendo a igualdade entre as línguas; a segunda rompe com a noção saussuriana de homogeneidade linguística, considerando a variação como inerente a toda língua, o que Labov (1972) vê como resultado de fatores sociais e linguísticos. A terceira premissa enfatiza o foco no uso da língua em seu contexto, conforme Hymes (1974) (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 114).

A sociolinguística, portanto, trata a linguagem como um fenômeno social e em constante mutação, influenciada por fatores históricos, sociais e culturais. Como observa Labov (1972, p. 47), é necessário “correlacionar os dados linguísticos com as medidas de posição social ou comportamento”. Assim, a disciplina se diferencia do estruturalismo e do gerativismo, que não consideram fatores sociais. Labov (1972, p. 287) descreve as comunidades linguísticas como “um grupo de falantes com um conjunto de atitudes sociais em relação à língua”. Mollica e Braga (2003, p. 47) afirmam que a sociolinguística “está interessada na importância social da linguagem”.

Para Bagno (2007), a sociolinguística defende a diversidade linguística, enquanto Faraco (2005, p. 186) observa que o processo de mudança linguística ocorre por fases de concorrência entre variantes. O trabalho de Labov originou a Sociolinguística Variacionista, também chamada de Teoria da Variação e Mudança, que, segundo Vazatta-Dias (1996, p. 126), entende a língua como concreta e heterogênea, e a variação como sistemática, influenciada por fatores internos e externos.

Além da Teoria da Variação, a sociolinguística também se relaciona com a dialetologia e a Sociolinguística Interacional. A dialetologia descreve as variedades regionais, enquanto a Sociolinguística Interacional analisa a influência mútua entre língua e sociedade. Gumperz (1982 apud BORTONI-RICARDO, 2014) diferencia a Sociolinguística Variacionista da Interacional, esta última enfocando as estratégias de uso linguístico no contexto social (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 147).

A Sociolinguística Educacional, desenvolvida por Stella Maris Bortoni-Ricardo no Brasil, busca valorizar as variações linguísticas no ensino, promovendo práticas que refletem a cultura e os modos de comunicação dos alunos em sala de aula (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 128).

2.3 SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL

A sociolinguística educacional estuda a relação entre variações linguísticas e o ensino, considerando que o contexto social dos indivíduos influencia a construção de seu vocabulário. A diversidade linguística reflete-se na sala de aula, exigindo metodologias de ensino inclusivas. Segundo Labov (1972, p. 203), a "heterogeneidade não é apenas frequente, mas uma consequência natural de fatores linguísticos fundamentais". Bortoni-Ricardo observa que essa área "amplia todas as propostas e pesquisas sociolinguísticas destinadas a aprimorar o processo educacional".

A sociolinguística educacional surgiu nos anos 1960, em resposta a desafios educacionais enfrentados por minorias. Estudos de Labov (1972), Shuy (1967) e Fasold (1984) mostraram que crianças de minorias não tinham déficit cognitivo, mas sim dificuldades decorrentes de vulnerabilidade social. Segundo Cyranka (2010), essa vertente "se concentra no estudo das questões ligadas à variação, que repercutem no processo da ampliação da competência comunicativa dos alunos".

Bortoni-Ricardo (2004, p. 38) defende uma "pedagogia culturalmente sensível" que reconheça as diferenças entre a cultura dos alunos e a escolar. Esse tipo de ensino tem como base a inclusão das variações linguísticas, refletindo que a língua é heterogênea e não estática. Em 2011, a obra *Por uma vida melhor* gerou debate no Brasil por abordar as diferenças entre o português padrão e as variações menos prestigiadas, usadas por falantes de menor acesso escolar.

No Brasil, a sociolinguística educacional visa ampliar o conhecimento linguístico das crianças e valorizar todas as variedades da língua, para que elas possam dominar também a norma padrão. Bortoni-Ricardo sugere que a disciplina de língua portuguesa deveria respeitar a língua vernácula dos estudantes, evitando impor apenas a norma culta, o que pode desvalorizar a identidade e o contexto social dos alunos e resultar em dificuldades de letramento para muitos brasileiros.

3 ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

O ensino da língua portuguesa enfrenta o desafio de se concentrar quase exclusivamente na gramática prescritiva, que desconsidera as variações linguísticas naturais relacionadas a fatores como região, escolaridade e gênero. Essa abordagem, muitas vezes adotada sem integração de novas estratégias ou pesquisas, ignora a realidade dos alunos, dificultando o aprendizado. Incorporar a variação linguística ao ensino poderia enriquecer o processo, tornando-o mais inclusivo e conectado às vivências dos estudantes.

Esta seção trata do ensino-aprendizagem, com ênfase na variação e no preconceito linguístico, e discute como a variação linguística pode contribuir para um ensino mais equitativo e inclusivo.

3.1 ENSINO DE LÍNGUA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A língua apresenta variações em diversos níveis, inclusive no léxico, que está intimamente ligado à cognição social (Antunes, 2012). Um inventário linguístico é necessário para acessar as representações do nosso conhecimento do mundo, refletindo a constante reformulação do léxico devido à diversidade. No contexto educacional, ensinar a variação lexical desde os primeiros anos pode ampliar a compreensão da língua em diferentes contextos, épocas e regiões, enriquecendo o conhecimento cultural e linguístico dos alunos. Termos como "calvo" e "careca", embora tenham o mesmo sentido, são usados em contextos diferentes, como em grupos de jovens para zombar ou em publicidade.

A investigação da variação linguística no ensino está ligada à Sociolinguística Educacional. Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 38), uma pedagogia sensível às culturas dos educandos reconhece as diferenças culturais entre eles e a escola, ajudando os professores a conscientizá-los sobre essas diferenças. Para implementar a variação linguística na sala de aula, é essencial que os educadores desenvolvam estratégias para conscientizar os alunos sobre suas diferenças culturais.

Para essa conscientização, os professores precisam entender a variação linguística e seus impactos na língua brasileira. A escola deve estar ciente dos aspectos da fala, língua e escrita brasileira. A fala, especialmente dos menos favorecidos, é frequentemente negligenciada na escola. A presença da classe minoritária nas pesquisas sociolinguísticas/variacionistas é crucial para evitar a perpetuação das barreiras entre a língua da minoria e a ensinada na escola.

Lidar com a variação linguística é um desafio para os educadores de língua materna, muitas vezes considerada problemática devido à mudança constante na língua. Há dificuldade em alinhar essa pluralidade de manifestações com as regras de escrita e ora-

lidade, resultando na falta de reflexão genuína sobre a variação, criando uma noção de "erro" e promovendo preconceito linguístico.

Bortoni-Ricardo (2005) destaca a importância de reconhecer a variação linguística na escola, mostrando aos estudantes as múltiplas formas de comunicação. As variações incluem nomeação e pronúncia das coisas. Tarallo (1986, p. 08) define variantes linguísticas como diferentes maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto com o mesmo valor de verdade. Callou e Leite (2005) afirmam que a linguagem reflete a identificação e diferenciação das comunidades e a inserção dos indivíduos em diferentes grupos sociais, etários, de gênero e de escolaridade.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p. 29), é essencial que os alunos entendam que todas as variedades linguísticas são legítimas e parte da história e cultura humana. A variação é uma característica inerente das línguas humanas, manifestando-se em todas as etapas e continuará existindo independentemente das normas prescritas. Portanto, ao se referir à 'Língua Portuguesa', estamos falando de uma unidade formada por diversas variedades.

3.2 ENSINO DE LÍNGUA E A GRAMÁTICA

O ensino de língua portuguesa no Brasil historicamente prioriza a gramática normativa, que vem da tradição greco-romana e vê a língua como homogênea e independente dos falantes. Lyons (1979) aponta que esse modelo considera a língua padrão como única forma "correta" de expressão, ignorando variações linguísticas. Segundo Mattos e Silva (1989), essa abordagem sustenta um modelo hegemônico que reforça desigualdades sociais, pois privilegia o "dialeto de elite" e rotula como inadequadas outras formas de fala.

Embora algumas gramáticas pedagógicas incluam exemplos mais modernos, elas ainda tendem a manter o ensino prescritivo. Dornelas et al. (2019, p. 592) defendem que a língua é mutável e influenciada por diversos fatores, e recomendam que práticas linguísticas inclusivas incorporem as variações usadas pelos alunos, evitando que eles se sintam estrangeiros na própria língua. Cagliari (2009, p. 71) também sugere que a escola deve reconhecer e respeitar os dialetos, alertando sobre o impacto negativo do preconceito linguístico na vida dos estudantes.

Para que o ensino seja mais inclusivo, Silva, Dias e Luquetti (2019) afirmam que a compreensão da heterogeneidade linguística deve ser fundamentada em pesquisas científicas, ajudando os professores a entender a língua como um fenômeno social. Esse enfoque, segundo Bortoni-Ricardo (2005, p. 15), é crucial para que a escola valorize as características linguísticas dos alunos e ao mesmo tempo ensine as variantes prestigiadas.

Santos e Aragão (2020) enfatizam que é essencial integrar a variação linguística ao ensino, permitindo que os alunos compreendam a dinâmica da língua e o uso em diferentes contextos. Para esses autores, o ensino deve equilibrar a norma padrão com o entendimento das variações, promovendo uma educação linguística inclusiva e reflexiva, em que os alunos possam ver a diversidade como parte da própria língua, indo além da memorização das regras gramaticais.

3.3 O ENSINO DE LÍNGUA E O LIVRO DIDÁTICO

O livro didático (LD) é um material pedagógico essencial na prática educativa, servindo para "avaliar e disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias". A importância do LD como suporte educacional começou no Império, quando foi usado em sala de aula. Silva (2012) destaca que, apesar dessa mudança, o acesso aos LDs era limitado à elite brasileira, devido à falta de produção nacional e à necessidade de importação da Europa.

Em 1927, José da Silva, conhecido como Visconde de Cairu, escreveu uma das primeiras obras didáticas nacionais, "Escola Brasileira ou Instrução Útil a Todas as Classes", para orientar sobre a alfabetização. A produção de LDs nacionais aumentou significativamente com Getúlio Vargas, que visava fortalecer a ideia de uma nação unida (Silva, 2012, p. 808). Em 1930, o Instituto Nacional do Livro (INL) foi criado para supervisionar a produção e distribuição de LDs.

A regulamentação do sistema de materiais didáticos começou com a legislação nº 93 de 1937. Em 1938, foi criada a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD) para controlar a produção e circulação dos livros. A partir da década de 1960, uma política de distribuição gratuita de LDs foi implementada com o apoio do Ministério da Educação (MEC) e da Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID). Durante este período, também foi criada a Comissão do Livro Técnico e Livro Didático (COLTED).

Inicialmente, o PNLD apenas estruturava e distribuía os LDs sem investigá-los. Com o tempo, o programa se adaptou às novas necessidades educacionais. Bagno (2007, p. 18) afirma que houve progressos significativos em conceitos como gênero textual, coesão e coerência, mas critica a abordagem inadequada da variação linguística nos livros didáticos. Ele ressalta a falta de diálogo entre a vivência do aluno e o conteúdo, especialmente em relação ao léxico e à variação lexical, apontando para a necessidade de maior alinhamento entre a linguagem dos alunos e o que é apresentado nos livros.

3.4 ENSINO DE LÍNGUA E PRECONCEITO LINGUÍSTICO

O fracasso escolar no ensino da língua portuguesa, evidenciado por avaliações nacionais e internacionais, tem levado especialistas a analisar os métodos aplicados em sala de aula. No contexto da educação pública, além do mau gerenciamento de recursos financeiros e da falta de igualdade social, destaca-se o tradicionalismo na abordagem da língua, que privilegia uma visão formalista, como afirmam Mattos e Silva (1989, p. 13).

Conforme dados do IBGE (2018), mais de 13 milhões de pessoas vivem em extrema pobreza, afetando o desempenho escolar das crianças devido à má nutrição e à necessidade de trabalhar cedo. Bortoni Ricardo observa que grande parte do fracasso escolar dessas crianças advém de suas condições de pobreza e das expectativas limitadas dos professores, resultando em atitudes discriminatórias em sala de aula (2006, [s.p.]).

Apesar dos desafios econômicos e sociais, muitas escolas públicas ainda utilizam métodos de ensino ultrapassados, desconectados da realidade atual dos alunos. Para enfrentar esse problema, algumas instituições governamentais promovem reformas em todas as etapas escolares. Documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) e a Base Nacional Comum Curricular (2017) destacam a importância da

interação e do discurso na língua para a cidadania plena. A BNCC enfatiza que a análise das categorias gramaticais deve servir à oralidade e à escrita (BRASIL, 2017, p. 41).

Mesmo com essas iniciativas, o MEC reconhece que o domínio da língua é essencial para a participação social e cidadania. A língua permite que os indivíduos pensem, se comuniquem, acessem conhecimento, expressem ideias e criem pontos de vista (BRASIL, 2017, p. 63).

Na pesquisa linguística, William Labov é um nome central, reconhecido por associar fatores sociais e linguísticos. Considerado o pai da sociolinguística, Labov, através da Teoria da Variação e Mudança Linguística, destaca a relação entre sociedade e língua, observando fatores que influenciam a mudança linguística, tanto linguísticos quanto sociais.

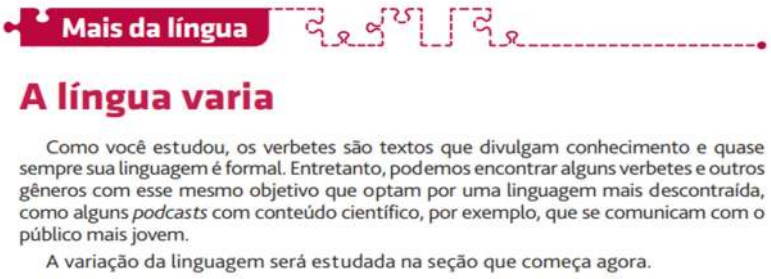
4 ANÁLISE DE DADOS

Antes de iniciarmos a discussão sobre a problemática abordada, é importante destacar o título da obra: "Se liga na língua". Ormundo e Siniscalchi (2018) possivelmente escolheram esse título propositalmente para tratar de um tema polêmico que ainda causa estranheza. O título desafia a norma padrão do português, utilizando uma gíria e o pronome "se", chamando a atenção dos leitores e convidando-os à reflexão. Essa estratégia sugere, conforme a Sociolinguística, que a língua portuguesa admite diversas formas de construção de sentenças, mantendo a comunicação aberta à interpretação.

4.1 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DO 6º ANO

Ao iniciarmos a análise de dados, observamos que a variação linguística começa a ser tratada no "Capítulo 2 – Verbete: palavra que explica palavra", nas subseções: "Mais da língua: a língua varia", na página 63, e "Preconceito linguístico", na página 65 (Ormundo; Siniscalchi, 2018).

Figura 1 – Explicação sobre variação linguística.


Mais da língua

A língua varia

Como você estudou, os verbetes são textos que divulgam conhecimento e quase sempre sua linguagem é formal. Entretanto, podemos encontrar alguns verbetes e outros gêneros com esse mesmo objetivo que optam por uma linguagem mais descontraída, como alguns *podcasts* com conteúdo científico, por exemplo, que se comunicam com o público mais jovem.

A variação da linguagem será estudada na seção que começa agora.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 63).

Ormundo e Siniscalchi (2018) iniciam a seção sobre variação linguística, explicando como a linguagem em gêneros textuais pode ser formal ou coloquial, dependendo do público, afirmando que verbetes são textos que compartilham conhecimento e, na maioria das vezes, utilizam uma linguagem formal. No entanto, existem alguns verbetes e outros gêneros com o mesmo propósito que preferem uma abordagem mais leve e descontraída, como é o caso de certos podcasts voltados para um público jovem (Ormundo; Siniscalchi, 2018, p. 63).

A discussão no livro didático começa com a compreensão de que a língua é diversificada e plural. Bagno (2007) afirma que o Brasil está entre os 8 países que possuem metade das línguas do mundo, destacando a existência de mais de 6.000 línguas globalmente. Outros países nessa lista incluem Índia, Indonésia, Papua Nova Guiné, Nigéria, Camarões, México e Austrália.

Os autores destacam que a linguagem se adapta conforme o contexto e o público-alvo, sendo essa flexibilidade um dos principais aspectos da Sociolinguística. Para enriquecer a discussão, eles apresentam uma peça publicitária de Moçambique, onde também se fala português, como mostrado na figura 2.

Figura 2 – Exemplo de variação linguística regional.



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 63).

A propaganda é apresentada para exemplificar que, embora falemos a mesma língua, o português do Brasil e o de Moçambique possuem diferenças nas palavras, significados, pronúncia (sotaque) e estrutura das frases. O objetivo dos organizadores do dicionário é destacar o uso dos pronomes "tu" e "você". No material publicitário, lê-se "isto e muito mais tu encontras no Verão Amarelo". Os docentes ressaltam que no Brasil, costuma-se usar "você" em propagandas (Ormundo; Siniscalchi, 2018, p. 64).

Continuando a subseção, Ormundo e Siniscalchi (2018) explicam o fenômeno da variação linguística:

> Moçambique é um país da África que, como o Brasil, foi colonizado por Portugal. Todavia, nossos falares se diferenciam porque, quando os portugueses chegaram lá e aqui, já havia outros povos nativos em ambos os territórios, e as línguas faladas por eles interagiram com o português, criando variações dele. Além disso, ao longo dos anos, ocorreram contatos com outras línguas, pela presença de estrangeiros ou pelos meios de comunicação, e elas também influenciaram o português local (Ormundo; Siniscalchi, 2018, p. 64).

A variação linguística não ocorre apenas entre falantes de diferentes países, mas também dentro de um mesmo país. Ormundo e Siniscalchi (2018) destacam que no Brasil, a variação linguística pode ser influenciada por fatores como região, áreas urbanas e rurais, idade do falante, escolaridade e situações de uso da língua (Ormundo; Siniscalchi, 2018, p. 64).

Coelho et al. (2012, p. 24) também abordam o exemplo dos pronomes "tu" e "você", explicando que essa alternância acontece devido à familiaridade e formalidade da comunicação entre falantes, além da origem do sujeito: "quando alguém de outra região do país é entrevistado na TV, ou mesmo quando você (tu) conversa on-line com tutores de uma disciplina ou com colegas de curso" (Coelho et al., 2012, p. 25).

Embora os organizadores do livro didático abordem a variação linguística causada por fatores regionais e miscigenação, a discussão em Ormundo e Siniscalchi (2018) é minimalista sobre variação diatópica ou regional e variação estilística, limitando-se a mencionar questões como regiões, faixa etária, nível de escolaridade e contexto de uso da língua.

Bagno (2007, p. 46) e Alkmim (2001, p. 34) definem variação diatópica como diferenças linguísticas entre comunidades de fala em diferentes territórios. Elementos como "idade do falante" e "escolaridade" são considerados fatores de variação social ou diastrática, relacionados à identidade dos falantes e à configuração sociocultural da comunidade (Alkmim, 2001, p. 35). Bagno (2007) enfatiza que esses elementos são essenciais para entender a variação linguística, destacando que adolescentes não se comunicam da mesma maneira que seus pais, e o grau de escolarização também influencia a expressão linguística.

Bagno (2007, p. 44) também discute a variação estilística, que depende da formalidade, tensão psicológica, pressão do ambiente, insegurança ou autoconfiança, e intimidade com a tarefa comunicativa. Esse monitoramento estilístico está presente na fala e escrita, como ao escrever um bilhete para o namorado versus uma carta de apresentação para uma empresa (Bagno, 2007, p. 45).

O livro didático analisado apresenta diversas situações comunicativas, conforme se vê na figura 3, destacando a competência comunicativa dos usuários da língua.

Figura 3 – Exemplos de diferentes situações de comunicação.



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 64).

Ormundo e Siniscalchi (2008, p. 65) definem variação linguística como um fenômeno comum a todas as línguas, afetado pelo tempo e pelo contato com outras línguas, e influenciado por particularidades dos falantes, como idade e escolaridade. Eles também abordam o conceito de normas urbanas de prestígio, que são variedades linguísticas usadas em situações formais e importantes para a vida social.

Os autores destacam a importância de conhecer as variedades urbanas de prestígio, sem desconsiderar ou menosprezar outras formas de expressão, para evitar o pre-

conceito linguístico. Essa temática é trabalhada na página 65, conforme pode ser visto na figura 4, abaixo:

Figura 4 – Exemplo de preconceito linguístico.



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 65).

Ormundo e Siniscalchi (2018) destacam em sua obra, por meio de uma imagem ilustrativa, que o personagem vestido de paletó está com uma vestimenta inapropriada para o ambiente em que se encontra. Essa situação cria um contraste entre o personagem de terno e gravata e a maneira de falar do surfista. Os educadores mencionam que a língua está sujeita a variações. Cada indivíduo utiliza diferentes "línguas" dentro de sua própria língua, escolhendo a variedade linguística que melhor se adapta a cada contexto comunicativo.

No livro didático, os autores destacam a importância da norma padrão, que até mesmo os falantes das variedades mais prestigiadas podem ignorar, dependendo do contexto em que se encontram. Ormundo e Siniscalchi (2018) argumentam sobre a importância de conhecer as variedades urbanas de prestígio, utilizadas em "livros, jornais, revistas, entrevistas de emprego e discursos políticos, entre outras importantes situações de comunicação para nossa vida social", com o objetivo de garantir a participação de cada indivíduo nas interações sociais. Os autores enfatizam no livro didático que não existe uma maneira correta ou incorreta de falar e que não se deve desconsiderar ou menosprezar as formas de expressão de outros grupos sociais, pois isso gera preconceito linguístico.

Bagno (2007, p. 13) discute como a noção de fala "certa" e "errada" favorece uma variante e despreza outra, o que é abordado no livro de forma a incentivar os alunos a refletirem sobre a diversidade linguística.

Os autores trabalham, no livro didático, sobre a variação lexical, conforme figura 5, ilustra destacando termos que caíram em desuso, como "dentifrício" para "creme dental". Bagno (2007) enfatiza a importância de entender a variação diacrônica para compreender como a língua se transforma ao longo do tempo.

Figura 5 – Exemplo de variação linguística histórica.



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 66).

Os autores utilizam uma cena da animação "Tá Dando Onda" (figura 6) e destacam a variação lexical pelas gírias e expressões dos surfistas, que refletem a identidade do grupo. Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 67) abordam essa variação como parte da linguagem característica de comunidades específicas.

Figura 6 – Exemplo de uso de gírias.



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 67).

Os autores, nessa cena ilustrativa, destacam o nível lexical por meio das gírias e expressões utilizadas, como “irado” e “cara”. Da mesma forma, o nível fonético-fonológico se evidencia na redução da palavra “maior” para “mó”. Essas expressões fazem parte do vocabulário dos surfistas, podendo ser classificadas como jargões (socioleto característico de um grupo específico de falantes) e também de algumas comunidades sociais que preferem uma comunicação mais descontraída. Essa escolha linguística visa legitimar a identidade desses grupos, ressaltando como comunidades distintas constroem sua identidade por meio de modos de expressão próprios.

Ainda sobre gírias, os autores apresentam uma ilustração dos jovens dançando nos anos 1960 e a letra de uma canção com gírias daquela época, conforme se vê na figura 7 abaixo:

Figura 7 – Exemplo de variação linguística na música.



Leia uma letra de canção que também usa a linguagem de um grupo social jovem. O texto, porém, foi escrito há bastante tempo, na década de 1960.

Broto legal

Ô que broto legal
Garota fenomenal
Fez um sucesso total
E abafou no festival
Eu logo que entrei
O broto focalizei
Ela olhou eu pisquei
E pra dançar logo tirei
O broto então se revelou
Mostrou ser maioral
A turma toda até parou
E no *rock and roll* nós dois
demos um *show*

Puxei o broto pra cá
Virei o broto pra lá
A turma toda gritou
Rock and roll
E o *rock* continuou
[repete a letra toda até aqui]
E o *rock* terminou
E o *rock* terminou

H. Earnhart; versão: Renato Corte Real. Broto legal (I'm in love). Intérprete: Sérgio Murilo. *Broto legal*. São Paulo: Editora Importadora Musical Fermata Brasil, 1976. 1 LP vinil, compacto, 45 rpm.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 68).

Esses dados trazidos na figura exemplificam como a variação histórica contribui para a compreensão das mudanças linguísticas e do preconceito linguístico desde os primórdios. Nas atividades de aprendizagem, para facilitar a compreensão das gírias e demonstrar como a variação histórica contribui para esse processo, os autores utilizam perguntas de fácil entendimento.

Observa-se, por meio de legendas explicativas e da letra da canção, o sentido da palavra "broto", que no trecho "garota fenomenal" permite deduzir, mesmo sem conhecer a gíria, que se refere a uma jovem. Importante destacar que gírias e jargões não são a mesma coisa. No livro, os autores apresentam o conceito de gíria e explicam como algumas delas caíram em desuso devido à variação diacrônica, fenômeno essencial para entender as mudanças linguísticas e o preconceito linguístico que existe desde tempos remotos, uma vez que as gírias são frequentemente utilizadas por grupos marginalizados da sociedade.

Na atividade seguinte, os autores apresentam um cartum, conforme ilustrado na Figura 8:

Figura 8 – Exemplo de gíria de diferentes grupos.



As **gírias** pertencem ao vocabulário típico de certos grupos, como os surfistas ou os roqueiros. Como ocorre com as demais palavras, o conjunto de gírias se altera com o passar do tempo. Nos anos 1960, por exemplo, uma turma era chamada de *patota*, e um sujeito legal, de *batuta*, termos que hoje provocariam nosso riso.

4 Leia um cartum produzido pelo ilustrador gaúcho Gilmar Luiz Tatsch, conhecido como Tacho.

Tacho

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 69).

No que diz respeito ao nível lexical da variação linguística, observa-se que este é um dos aspectos mais evidentes nas atividades propostas e no gênero textual abordado. A palavra “oxente”, utilizada por um pinguim em 2100 no Polo Norte, representa um exemplo claro de variação lexical. Essa expressão, característica do Nordeste brasileiro, carrega uma associação cultural com o clima árido e as altas temperaturas da região. Na atividade, o foco está na interpretação da palavra “oxente” no contexto do cartum, des-

tacando a importância do nível lexical para compreender as variações linguísticas regionais e estimular reflexões críticas a partir da imagem.

Contudo, a abordagem do léxico poderia ser ampliada. Em vez de limitar-se a questões relacionadas à compreensão de uma palavra isolada no contexto da ilustração, seria enriquecedor explorar o léxico regional de forma mais abrangente, incluindo outras expressões características da região Nordeste. Tal abordagem permitiria aos estudantes um contato mais amplo com as variações linguísticas dessa região, valorizando não apenas a interpretação do cartum, mas também outras manifestações lexicais presentes no país.

Para encerrar os aspectos teóricos sobre a variação linguística, os autores trabalham, na página 70, um quadrinho que também explora regionalismos, conforme figura 9.

Figura 9 – Exemplo de variação regional.



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 70).

Nesse caso, o destaque recai sobre expressões como “paulista” e “mermão”, associadas ao sotaque carioca. Além disso, a atividade aborda aspectos culturais, como a maneira específica de preparar o cachorro-quente. Contudo, enquanto o regionalismo nordestino é explicitamente representado na escrita, o sotaque paulistano é apenas sugerido, deixando implícito que este estaria mais próximo do padrão linguístico. Essa ausência de registro explícito do sotaque carioca ou paulistano evidencia um tratamento desigual, que poderia ser aprimorado para garantir maior representatividade das variedades linguísticas regionais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do livro didático da coleção *Se Liga na Língua*, voltado para o 6º ano, teve como objetivo central investigar como a variação linguística é tratada no material. Os objetivos específicos foram: i) verificar quais variáveis linguísticas são abordadas no livro de língua portuguesa; ii) identificar como as variações regionais são apresentadas; iii) discutir os elementos utilizados para abordar os conteúdos da análise linguística; e iv) analisar detalhadamente como as variações linguísticas e os conceitos regionais são tratados e apresentados.

Em relação ao primeiro objetivo específico, o livro didático apresenta as quatro principais variáveis linguísticas: variações diatópicas (geográficas), diacrônicas (históricas), diastráticas (de grupos sociais) e diafásicas (formalidade e informalidade). Essas variáveis são abordadas em atividades que incluem propaganda publicitária, letras de música, cartuns, quadrinhos, entre outros. Esses materiais compartilham o elemento da

multimodalidade, essencial para a compreensão do mundo pelos alunos, pois facilitam o processo cognitivo e atendem a diferentes habilidades de cada aprendiz.

Quanto ao segundo objetivo específico, observamos que o material didático inclui variedades regionais ou lexicais, como no caso de um cartum que aborda o aquecimento global e utiliza a palavra “oxente”, típica do nordeste. Em outra atividade, há uma representação da variedade regional do sudeste. A inclusão dessas variações é relevante para evidenciar a diversidade linguística do Brasil.

Em relação ao terceiro objetivo, os elementos utilizados consistem em atividades multimodais, como cartuns, letras de canções, quadrinhos e propagandas.

Quanto ao último objetivo, consideramos que a abordagem das variações linguísticas poderia ser aprimorada. Embora o livro discuta o preconceito linguístico e a importância de respeitar o léxico de cada indivíduo, esse tema poderia ser explorado de forma mais dinâmica e realista. Atividades exploratórias, como debates, comparações entre textos e narrativas que conectem o conteúdo linguístico às experiências dos alunos, também seriam benéficas.

A primeira hipótese abordada na pesquisa é: a falta de informação sobre variação linguística contribui para a disseminação do preconceito linguístico? A falta de conhecimento nessa área colabora diretamente para o preconceito, pois, sem consciência das variações, a tendência é estranhar o que é diferente. Assim, é fundamental discutir a variação linguística nos livros didáticos.

A segunda hipótese é: a valorização da norma padrão pode contribuir para a discriminação de outras normas? A valorização da norma de prestígio pode, de fato, fomentar o preconceito linguístico em relação à norma culta.

Por fim, a terceira hipótese questiona se a variação linguística abordada no livro respeita e contempla as diferentes variantes. Ao analisar o livro, notamos que ele inclui a diversidade das variantes linguísticas regionais e urbanas, enfatizando a importância do respeito a todas elas.

Essa pesquisa é relevante por seu enfoque no léxico sob as perspectivas da Pedagogia da Variação Linguística e da Sociolinguística no contexto dos materiais didáticos. Além disso, reforça a importância de compreender o livro didático e como ele trata a variação linguística. Esse estudo também contribui para a conexão entre os estudos de livros didáticos e as variações dialetais, com o objetivo de promover o respeito pelas diferentes formas de expressão.

Embora o material *Se Liga na Língua* se destaque ao abordar as variações linguísticas, ele se limita ao 6º ano e é o único da coleção a tratar dessas variações. Nosso material de análise contempla todas as variações e está alinhado à BNCC, documento essencial que define o desenvolvimento e o entendimento dos alunos ao longo da educação básica.

Em síntese, o livro didático serve como uma ferramenta metodológica que orienta o professor em sua prática docente. No entanto, o próprio material sugere que o educador busque fontes adicionais para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem e promover a inclusão dos alunos sem preconceito linguístico, como tanto enfatiza Marcos Bagno.

REFERÊNCIAS:

ALKMIM, M. As negativas sentenciais no dialeto mineiro: uma abordagem variacionista. 2001. 260f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos)-Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2001.

BAGNO, Marcos. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística. Parábola Editorial, 2007.

BENVENISTE, E. Estrutura da língua e estrutura da sociedade. In: Problemas de linguística geral II. São Paulo: Cia. Editora Nacional/EDUSP, 1989.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Educação em língua materna: a sociolingüística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004 (Col. Linguagem, nº. 4) 112 p. ISBN: 85-88456-17-6.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 26 jun. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017.

CAETANO, Érico Augusto Silva. Retóricas de ruptura na linguística do século XX: Chomsky e Halliday em uma análise pela historiografia da linguística. 2019. [302] f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019.

COELHO, Micaela Pafume. Ferdinand de Saussure: entre a língua e as línguas. 2019. 141 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

DALFOVO, Michael Samir, Rogério Adilson Lana, and Amélia Silveira. "Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico." Revista interdisciplinar científica aplicada 2.3 (2008): 1-13.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1987.

GÖRSKI, Edair Maria, and COELHO, Izete Lehmkuhl. Variação linguística e ensino de gramática. Working papers em Linguística 10.1 (2009): 73-91.

IBGE. 2018. Cadastro Único dos Programas Sociais –CadÚnico. Disponível em: <https://ces.ibge.gov.br/base-de-dados/metadados/mds/cadastro-unico-dos-programas-sociais-cadunico.html>. Acessado em 02 ago 2024

LABOV, W. Padrões Sociolinguísticos. São Paulo: Parábola Editorial, 2008[1972]

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia científica. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MACÊDO JÚNIOR, Adriano Menino de. Abordagem da variação linguística em livro didático da 6ª série do Ensino Fundamental. Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 23, nº 14, 18 de abril de 2023. Disponível em: https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/23/14/abordagem-da-variacao-linguistica-em-livro-didatico-da-6-serie-do-ensino-fundamental

MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004, p. 9-14.

NORMAND, Claudine. Os termos da enunciação em Benveniste. In: OLIVEIRA, Sérgio Lopes; PARLATO, Erika Maria; RABELLO, Silvana (Orgs.). O falar da Linguagem(Série Linguagem). São Paulo: Lovise, 1996,p. 129-152

OTERO, Diana dos Santos. A variação linguística no livro didático “se liga na língua”: uma análise da variação lexical. 60 p. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Pampa, Campus Jaguarão, Jaguarão, 2023.

PEREIRA, A. A. O. Se liga na língua: variação e preconceito linguístico no livro didático de português. 2023. 96 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Monteiro, 2023.

PEREIRA, VC, dos Santos, JLN, Carneiro, AP, dos Santos, AB, Carneiro, AP, Rodrigues, MS, Cabral, DMB, & Metzhka, VG (2023). O ensino de língua portuguesa e a sociolinguística: uma reflexão sobre as possibilidades e desafios na construção dos saberes linguísticos contemporâneos. CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES , 16 (12), 33836–33855.

PRIM, Cristina de Souza; CASAGRANDE, Sabrina. Resenha do livro “Pedagogia da Variação Linguística: língua, diversidade e ensino”. Revista PerCursos. Florianópolis, v. 18, n. 37, p. 176 - 181, maio/ago. 2017.

SILVA, Jhose Anne Ferreira da. Variação linguística regional: uma abordagem em livros didáticos de Língua Portuguesa do ensino fundamental II. BS thesis. 2022. Disponível em: https://repositorio.ifpb.edu.br/handle/177683/2289. Acessado em 11 Out 2024.

SILVA, Marco Antônio. A fetichização do livro didático. Educação e Realidade, v. 37, n. 3, set./dez. de 2012, p. 803-821.

SILVA, Mônica. A (não) variação linguística no livro didático de língua portuguesa. Saber aberto: repositório institucional da UNEB, Eunápolis, p. 6-30, 2023.

SINISCALCHI, Cristiane; ORMUNDO, Wilton. Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem. São Paulo: Editora Moderna, 2018.

TERRA, Ernani. Linguagem, língua e fala. Saraiva Educação SA, 1997.